

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

ABRIL DE 1866

Nº 4

Revelação⁸

No sentido litúrgico, a revelação implica uma idéia de misticismo e de maravilhoso. O materialismo a repele naturalmente, porque ela supõe a intervenção de poderes e de inteligências extra-humanas. Fora da negação absoluta, muitas pessoas fazem hoje estas perguntas: Houve ou não uma revelação? A revelação é necessária? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Essas objeções nascem da falsa idéia que se faz da revelação. Tomemo-la inicialmente em sua acepção mais simples, para segui-la até seu ponto mais alto.

Revelar é tornar conhecida uma coisa que não o é; é ensinar a alguém aquilo que não sabe. Deste ponto de vista, há para nós uma revelação por assim dizer incessante. Qual o papel do professor diante dos seus alunos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não

8 N. do T.: Esboço do capítulo 1, de *A Gênese*, que Allan Kardec preparava: *Caráter da revelação espírita*.

teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre. Seria lógico deixar que eles mesmos procurassem essas verdades? esperar que tivessem inventado a mecânica para lhes ensinar a servir-se do vapor? Não se poderia dizer que, em lhes revelando o que outros acharam, impede-se o exercício de suas faculdades? Não é, ao contrário, apoiando-se no conhecimento das descobertas anteriores que chegam a novas descobertas? Dar a conhecer ao maior número possível a maior soma possível de verdades conhecidas é, pois, provocar a atividade da inteligência em vez de abafá-la e impelir ao progresso. Sem isto o homem ficaria estacionário.

Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria revelam, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era ele, pois, Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênios, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

Desde que se admite a solícitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. Se só ensinassem aos homens o que estes já soubessem, sua presença

seria completamente inútil. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem moral, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

No sentido especial da fé religiosa, os reveladores são mais particularmente designados sob o nome de *profetas* ou *messias*. Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germes do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma – se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões hão sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas. A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho segundo o Espiritismo*: “*Haverá falsos cristos e falsos profetas.*”

A linguagem simbólica de Jesus favoreceu singularmente as interpretações mais contraditórias; esforçando-se em lhe deturpar o sentido, cada um julgou aí encontrar a sanção de seus pontos de vista pessoais, muitas vezes até a justificação das doutrinas mais contraditórias ao espírito de caridade e de justiça, que é a sua base. Aí está o abuso que desaparecerá pela força mesma das coisas, sob o império da razão. Não é disto que nos vamos ocupar aqui. Apenas constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apóia o Cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque tiveram uma influência decisiva na Humanidade. O islamismo pode ser considerado como um derivado de concepção humana do mosaísmo e do Cristianismo. Para acreditar a religião que queria fundar, Maomé teve que se apoiar sobre uma pretensa revelação divina.

Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

É, pois, rigorosamente exato dizer-se que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou S. João a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus.” (*Epíst. 1^a, 4:4.*)

Podem, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus, porque Deus não pode enganar conscientemente nem se enganar. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

Uma nova e importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que

regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhes o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saíamos fora da Humanidade*, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram fachos da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Desde que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, ao invés de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e, se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos, somente por estarem no mundo dos Espíritos.

Mas, nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias, e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexão entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objetivo essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos dêem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

Os grandes Espíritos encarnados são, sem contradita, individualidades poderosas, mas de ação restrita e lenta propagação. Viesse um só dentre eles, embora fosse Elias ou Moisés, revelar, nos tempos modernos, aos homens, as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas asserções, nesta época de cepticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as idéias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de que aqueles convencessem da sua existência a estes últimos e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio. Tais o objetivo e o caráter da revelação moderna.

Os Espíritos não se manifestam para libertar do estudo e das pesquisas o homem, nem para lhe transmitir, inteiramente pronta, nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas. De há muito, a experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supor-se que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também os há superiores e vulgares; muitos deles, pois, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar *com seus iguais*, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus

parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem idéia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

Qual, então, a utilidade dessas manifestações, ou, se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como já o declaramos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles vêem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais são; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas que ignoramos, relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o niilismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só eles o podiam fazer. Suas manifestações,

consequentemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar-nos.

Uma comparação vulgar fará compreender ainda melhor a situação.

Parte para destino longínquo um navio carregado de emigrantes. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vem-se a saber que esse navio naufragou. Nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros pereceram e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a tripulação inteira, sem faltar um único homem, foi ter a uma ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver ditosos, sob um céu clemente. Ninguém, todavia, sabe disso. Ora, um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra sãos e salvos os náufragos. A feliz nova se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: “Não estão perdidos os nossos amigos!” E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a Humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar, a sangue-frio, novas maravilhas, permitiu Deus fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. Nada têm de extra-humanas as manifestações; é a

humanidade espiritual que vem *conversar* com a humanidade corporal e dizer-lhe:

“Nós existimos, logo o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro; andais ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era, para vós, tudo, porque nada víeis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus. O bem nenhum fruto aparente produzia para o futuro. Doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: ‘Cada um por si.’ Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um.’ Enfim, ao termo da vida, dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora, dir-lhes-eis: Até breve!”

Tais, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Nem só, entretanto, à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais.

Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

Assim, a revelação tem por objetivo pôr o homem na posse de certas verdades, que ele não podia adquirir por si mesmo, e isto visando ativar o progresso. Essas verdades em geral se limitam a princípios fundamentais, destinados a pô-lo no caminho das pesquisas, e não a conduzi-lo pela mão; são balizas que lhe mostram o objetivo, cabendo-lhe a tarefa de as estudar e lhes deduzir as aplicações. Longe de o libertar do trabalho, são novos elementos fornecidos à sua atividade.

O Espiritismo sem os Espíritos

Ultimamente vimos uma seita tentar formar-se, arvorando como bandeira: *A negação da prece*. Acolhida em seu início por um sentimento geral de reprovação, nem chegou a viver. Os homens e os Espíritos se uniram para repelir uma doutrina que era, ao mesmo tempo, uma ingratidão e uma revolta contra a Providência. Isto não era difícil, porque, melindrando o sentimento íntimo da imensa maioria, trazia em si o seu princípio destruidor. (*Revista* de janeiro de 1866).

Eis agora uma outra que se ensaia em novo terreno. Tem por divisa: *Nada de comunicação dos Espíritos*. É muito singular que esta opinião seja hoje preconizada por alguns dos que outrora exaltaram a importância e a sublimidade dos ensinamentos espíritas, e que se vangloriavam do que eles próprios recebiam como médiuns. Terá mais chance de sucesso que a precedente? É o que vamos examinar em poucas palavras.

Esta doutrina, se é que se pode dar tal nome a uma opinião restrita a alguns indivíduos, fundamenta-se nos seguintes dados:

“Os Espíritos que se comunicam não passam de Espíritos ordinários, que, até hoje, não nos ensinaram nenhuma verdade nova, e que provam a sua incapacidade não saindo das banalidades da moral. O critério que se pretende estabelecer sobre a concordância de seu ensino é ilusório, por força de sua insuficiência. Cabe ao homem sondar os grandes mistérios da Natureza e submeter o que eles dizem ao controle de sua própria razão. Como suas comunicações nada nos podem ensinar, proscrevemo-las de nossas reuniões. Discutiremos entre nós; buscaremos e decidiremos, em nossa sabedoria, os princípios que devem ser aceitos ou rejeitados, sem recorrer ao assentimento dos Espíritos.”

Notemos que não se trata de negar o fato das manifestações, mas de estabelecer a superioridade do julgamento do homem, ou de alguns homens, sobre o dos Espíritos; numa palavra, de desvincular o Espiritismo do ensino dos Espíritos, pois as instruções destes últimos estariam abaixo do que pode a inteligência humana.

Esta doutrina conduz a uma singular consequência, que não daria uma idéia exata da superioridade da lógica do homem sobre a dos Espíritos. Graças a estes últimos, sabemos que os da ordem mais elevada pertenceram à humanidade corporal, que ultrapassaram há muito tempo, como o general ultrapassou a classe do soldado de onde saiu. Sem os Espíritos, ainda acreditaríamos que os anjos são criaturas privilegiadas e os demônios criaturas predestinadas ao mal por toda a eternidade. “Não, dirão, porque houve homens que combateram essa idéia.” Seja; mas que eram esses homens, senão Espíritos encarnados? Que influência teve sua opinião isolada sobre a crença das massas? Perguntai ao primeiro que aparecer se conhece ao menos de nome a maioria desses grandes filósofos. Ao passo que os Espíritos, vindo a toda a superfície da Terra, manifestar-se ao mais humilde como ao mais poderoso, a verdade propagou-se com a rapidez do relâmpago.

Os Espíritos podem dividir-se em duas categorias: os que, chegados ao ponto mais elevado da escala, deixaram definitivamente os mundos materiais, e os que, pela lei da reencarnação ainda pertencem ao turbilhão da humanidade terrena. Admitamos que só estes últimos tenham o direito de comunicar-se com os homens, o que é uma interrogação: nesse número há os que, em vida, foram homens esclarecidos, cuja opinião fez autoridade, e que seria uma ventura consultá-los se ainda fossem vivos. Ora, da doutrina acima resultaria que esses mesmos homens superiores tornaram-se nulidades ou mediocridades, ao passarem para o mundo dos Espíritos, incapazes de nos darem instrução de algum valor, ao passo que se inclinariam respeitosamente diante deles se se apresentassem em carne e osso nas mesmas assembléias onde se recusam a escutá-los como Espíritos. Disso resulta ainda que Pascal, por exemplo, não é mais uma luz desde que é Espírito; mas que, se reencarnasse num Pedro ou num Paulo, necessariamente com o mesmo gênio, já que nada teria perdido, seria um oráculo. Esta conseqüência é de tal modo rigorosa, que os partidários deste sistema admitem a reencarnação como uma das maiores verdades. Enfim, é preciso inferir que os que colocam – supomos que de muito boa-fé – sua própria inteligência muito acima da dos Espíritos, serão, eles mesmos, nulidades ou mediocridades, cuja opinião não terá valor, de sorte que seria preciso crer no que dizem enquanto estão vivos, e não crer amanhã, quando estiverem mortos, ainda mesmo quando viessem dizer a mesma coisa e, menos ainda, se viessem dizer que se enganaram.

Sei que se opõem à grande dificuldade da constatação da identidade. Essa questão já foi amplamente tratada, de modo que é supérfluo a ela voltar. Certamente não podemos saber, por uma prova material, se o Espírito que se apresenta sob o nome de Pascal é realmente o do grande Pascal. Que nos importa, se diz boas coisas! Cabe a nós pesar o valor de suas instruções, não a forma da linguagem, que se sabe marcada, muitas vezes, pela inferioridade do instrumento, mas pela grandeza e pela sabedoria

dos pensamentos. Um grande Espírito que se comunica por um médium pouco letrado é como um hábil calígrafo que se serve de uma pena ruim; no conjunto a escrita terá o sinete do seu talento, mas os detalhes da execução, que não dependem dele, serão imperfeitos.

Jamais disse o Espiritismo que era preciso fazer abnegação de seu julgamento e submeter-se cegamente ao dizer dos Espíritos; são os próprios Espíritos que nos dizem passar todas as suas palavras pelo cadinho da lógica, ao passo que certos encarnados dizem: “Não creiais senão no que dizemos, e não acrediteis no que dizem os Espíritos.” Ora, como a razão individual está sujeita a erro, e o homem, muito geralmente, é levado a tomar sua própria razão e suas idéias como a única expressão da verdade, aquele que não tem a orgulhosa pretensão de se julgar infalível a refere à apreciação da maioria. Por isto é tido como abdicando da sua opinião? De modo algum; está perfeitamente livre de crer que só ele tenha razão contra todos, mas não impedirá a opinião do maior número de prevalecer e de ter, em definitivo, mais autoridade que a opinião de um só ou de alguns.

Examinemos agora a questão sob outro ponto de vista. Quem fez o Espiritismo? É uma concepção humana pessoal? Todo o mundo sabe o contrário. O Espiritismo é o resultado do ensino dos Espíritos, de tal sorte que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo. Se a Doutrina Espírita fosse uma simples teoria filosófica nascida de um cérebro humano, não teria senão o valor de uma opinião pessoal; saída da universalidade do ensino dos Espíritos, tem o valor de uma obra coletiva, e é por isto mesmo que em tão pouco tempo ela se propagou por toda a Terra, cada um recebendo por si mesmo, ou por suas relações íntimas, instruções idênticas e a prova da realidade das manifestações.

Pois bem! é em presença deste resultado patente, material, que se tenta erigir em sistema a inutilidade das

comunicações dos Espíritos. Convenhamos que se elas não tivessem a popularidade que adquiriram, não as atacariam, e que é a prodigiosa vulgarização dessas idéias que suscita tantos adversários ao Espiritismo. Os que hoje rejeitam as comunicações não se assemelham a essas crianças ingratas que negam e desprezam os pais? Não é a ingratidão para com os Espíritos, a quem devem o que sabem? Não é servir-se do que eles ensinaram para os combater, voltar contra eles, contra seus próprios pais, as armas que nos deram? Entre os Espíritos que se manifestam não está o Espírito de um pai, de uma mãe, dos seres que nos são mais caros, dos quais se recebem essas tocantes instruções que vão diretamente ao coração? Não é a eles que devemos ter sido arrancados da incredulidade, das torturas da dúvida sobre o futuro? E é quando se goza do benefício que se desconhece a mão do benfeitor?

Que dizer dos que, tomando sua opinião pela de todo o mundo, afirmam seriamente que, agora, não querem comunicações em parte alguma? Estranha ilusão! que um olhar lançado em torno deles baste para fazer desvanecer-se. Por seu lado, que devem pensar os Espíritos que assistem às reuniões onde se discute se se devem condescender em os escutar, ou se se deve, ou não, excepcionalmente, permitir-lhes a palavra para agradar os que têm a fraqueza de se prenderem às suas instruções? Sem dúvida lá se acham Espíritos ante os quais se cairia de joelhos se, nesse momento, eles se apresentassem à vista. Já pensaram no preço que podia ser pago por tal ingratidão?

Tendo os Espíritos a liberdade de comunicar-se, independentemente do seu grau de saber, resulta que há uma grande diversidade no valor das comunicações, como nos escritos, num povo onde todo mundo tem a liberdade de escrever e onde, por certo, nem todas as produções literárias são obras-primas. Segundo as qualidades individuais dos Espíritos, há, pois, comunicações boas pelo fundo e pela forma; outras que são boas

pelo fundo e más pela forma; outras, enfim, que nada valem, nem pelo fundo, nem pela forma. Cabe-nos escolher. Rejeitá-las em bloco, porque algumas são más, não seria mais racional do que proscriver todas as publicações, só porque há escritores que produzem banalidades? Os melhores escritores, os maiores gênios, não têm partes fracas em suas obras? Não se fazem seleções do que produzem de melhor? Façamos o mesmo em relação às produções dos Espíritos; aproveitemos o que há de bom e rejeitemos o que é mau; mas, para arrancar o joio, não arranquemos o bom grão.

Consideremos, pois, o mundo dos Espíritos como uma réplica do mundo corporal, como uma fração da Humanidade, e digamos que não devemos desdenhar de ouvi-los, agora que estão desencarnados, pois não o teríamos feito quando encarnados; estão sempre em nosso meio, como outrora; apenas estão atrás da cortina, e não à frente: eis toda a diferença.

Mas, perguntarão, qual o alcance do ensino dos Espíritos, mesmo no que há de bom, se não ultrapassa o que os homens podem saber por si mesmos? É bem certo que não nos ensinam mais nada? No seu estado de Espírito não vêem o que não podemos ver? Sem eles, conheceríamos seu estado, sua maneira de ser, suas sensações? Conheceríamos, como hoje conhecemos, esse mundo onde talvez estejamos amanhã? Se esse mundo não tem para nós os mesmos terrores, se encaramos sem pavor a passagem que a ele conduz, não é a eles que o devemos? Esse mundo está completamente explorado? Diariamente ele não nos revela uma nova face? e nada é saber aonde se vai e o que se pode ser ao sair daqui? Outrora lá entrávamos tateando e estremecendo, como num abismo sem fundo; agora esse abismo é resplandecente de luz e nele se entra contente. E ainda ousam dizer que o Espiritismo nada nos ensinou? (*Revista Espírita*, agosto de 1865: “O que ensina o Espiritismo”).

Sem dúvida, o ensino dos Espíritos tem seus limites. Só se lhe deve pedir o que pode dar, o que está na sua essência, no seu

objetivo providencial, e ele dá muito a quem sabe buscar. Mas, tal como é, já fizemos todas as suas aplicações? Antes de lhe pedir mais, sondamos as profundezas dos horizontes que nos descortina? Quanto ao seu alcance, ele se afirma por um fato material, patente, gigantesco, inaudito nos fastos da História: é que apenas em sua aurora, já revoluciona o mundo e abala as forças da terra. Que homem teria tal poder?

O Espiritismo contribui para a reforma da Humanidade pela caridade. Não é, pois, de admirar que os Espíritos preguem a caridade sem cessar; eles a pregarão ainda por muito tempo, enquanto ela não houver extirpado o egoísmo e o orgulho do coração dos homens. Se alguns acham as comunicações inúteis, porque repetem incessantemente as lições de moral, devem ser cumprimentados, pois são bastante perfeitos para delas não mais necessitarem; mas devem pensar que os que não têm tanta confiança em seu próprio mérito e tomam a peito o se melhorarem não se cansam de receber bons conselhos. Não busqueis, pois, lhes tirar esse consolo.

Esta doutrina tem chances de prevalecer? Como dissemos, as comunicações dos Espíritos fundaram o Espiritismo. Repeli-las depois de as haver aclamado, é querer sapar o Espiritismo pela base, arrancar seus alicerces. Tal não pode ser o pensamento dos espíritas sérios e devotados, porque seria absolutamente como aquele que se dissesse cristão negando o valor dos ensinamentos do Cristo, sob o pretexto de que sua moral é idêntica à de Platão. É nessas comunicações que os espíritas encontraram alegria, consolação, esperança; é por elas que compreenderam a necessidade do bem, da resignação, da submissão à vontade de Deus; é por elas que suportam com coragem as vicissitudes da vida; é por elas que não há mais separação real entre eles e os objetos de suas mais ternas afeições. Não é enganar-se com o coração humano crer que ele possa renunciar a uma crença que faz a felicidade!

Repetimos aqui o que dissemos a propósito da prece: Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma das satisfações morais que proporciona. Que os que o acham insuficiente tal qual é se esforcem por dar mais que ele; mas não será dando menos, tirando o que faz o seu charme, a força e a popularidade que o suplantarão.

O Espiritismo Independente

Uma carta que nos foi escrita há tempos falava do projeto de dar a uma publicação periódica o título de *Jornal do Espiritismo Independente*. Sendo essa o corolário da do *Espiritismo sem os Espíritos*, vamos, evidentemente, tentar colocar a questão no seu verdadeiro terreno.

Antes de mais, o que é o Espiritismo independente? Independente de quê? Uma outra carta o diz claramente: é o Espiritismo liberto, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode fazer lei, considerando-se que não é infalível.

Isto é a coisa mais fácil do mundo: existe de fato, uma vez que o Espiritismo, proclamando a liberdade absoluta de consciência, não admite nenhum constrangimento em matéria de crença, nem jamais contestou a alguém o direito de crer à sua maneira em matéria de Espiritismo, como em qualquer outra coisa. Deste ponto de vista, nós mesmos nos achamos perfeitamente independente e queremos aproveitar esta independência. Se há subordinação, ela é, pois, inteiramente voluntária; mais ainda, não é subordinação a um homem, mas a uma idéia, que se adota porque convém, que sobrevive ao homem se é justa, que cai com ele ou antes dele se é falsa.

Para nos libertarmos das idéias alheias é preciso, necessariamente, que tenhamos as nossas próprias idéias; naturalmente a gente procura fazer que estas prevaleçam, sem o que as guardaríamos para nós; proclamamo-las, sustentamo-las, defendemo-las, porque cremos sejam a expressão da verdade; porque admitimos a boa-fé, e não o único desejo de derrubar o que existe. O objetivo é congregar maior número possível de partidários; e aquele que não admite chefe se faz, ele mesmo, chefe de seita, buscando subordinar os outros às suas próprias idéias. Aquele que diz, por exemplo: “Não devemos mais receber instruções dos Espíritos”, não emite um princípio absoluto? Não exerce uma pressão sobre os que as querem, desviando-os de as receber? Se funda uma reunião nesta base, deve excluir os partidários das comunicações, porque, se estes últimos constituíssem maioria, a tornariam lei. Se os admite e recusa obtemperar aos seus desejos, atenta contra a liberdade que têm de a reclamar. Que inscreva em seu programa: “Aqui não se dá a palavra aos Espíritos” e, então, os que desejem ouvi-los se conformarão à ordem e não se apresentarão.

Sempre dissemos que uma condição essencial de toda reunião espírita é a homogeneidade, sem o que haverá dissensão. Quem fundasse uma na base da rejeição das comunicações estaria no seu direito; se aí só admitir os que pensam com ele, faz bem, mas não tem o direito de dizer que, porque não o quer, ninguém o deve querer. Certamente é livre para agir como entender; mas, se quer a liberdade para si, deve querê-la para os outros; já que defende suas idéias e critica as dos outros, se for conseqüente consigo mesmo, não deve achar ruim que os outros defendam as suas e critiquem as dele.

Geralmente muitos esquecem que, acima da autoridade do homem, outra há, à qual quem quer que se faça representante de uma idéia não pode subtrair-se: é a de todo o mundo. A opinião geral é a suprema jurisdição, que sanciona ou derruba o edifício dos

sistemas; ninguém pode livrar-se da subordinação que ela impõe. Esta lei não é menos onipotente no Espiritismo. Quem quer que fira o sentimento da maioria e a abandone deve esperar ser por ela abandonado. Aí está a causa do insucesso de certas teorias e de certas publicações, abstração feita do mérito intrínseco destas últimas, sobre a qual por vezes se tem ilusão.

Não se deve perder de vista que o Espiritismo não está submetido a um indivíduo, nem a alguns indivíduos, nem a um círculo, nem mesmo a uma cidade, mas que seus representantes estão no mundo inteiro e que entre eles há uma opinião dominante profundamente acreditada; julgar-se forte contra todos, porque se tem o apoio de seu grupo, é expor-se a grandes decepções.

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais e a de suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, de modo que foi por ela que os Espíritos começaram; a segunda, dela decorrente, é a única que pode levar à transformação da Humanidade pelo melhoramento individual. O melhoramento é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para ele que deve tender todo espírito sério. Tendo deduzido essas conseqüências das instruções dos Espíritos, definimos os deveres que impõe esta crença; o primeiro deles inscrevemos na bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação*, máxima aclamada, em seu aparecimento, como a luz do futuro, e que logo deu a volta ao mundo, tornando-se a palavra de ligação de todos quantos vêem no Espiritismo algo mais que um fato material. Por toda parte foi acolhida como o símbolo da fraternidade universal, como penhor de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma nova era, onde devem extinguir-se os ódios e as dissensões. Compreende-se tão bem a sua importância, que já se colhem seus frutos; entre os que a tomaram como regra de conduta, reinam a simpatia e a confiança, que fazem o encanto da vida social. Em todo espírito de coração vê-se um irmão com o qual a gente se sente feliz de encontrar, porque sabe que aquele que pratica a caridade não pode fazer nem querer o mal.

Foi, pois, por nossa autoridade privada que promulgamos esta máxima? E ainda que o tivéssemos feito, quem poderia encontrá-la má? Não; ela decorre do ensino dos Espíritos, e eles mesmos a colheram nos do Cristo, onde está escrita com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão, mas onde ficou enterrada durante dezoito séculos. O egoísmo dos homens não se dispunha a fazê-la sair do esquecimento e torná-la explícita, porque teria sido pronunciar sua própria condenação; preferiram buscar sua própria salvação nas práticas mais cômodas e menos desagradáveis. E, contudo, todo o mundo havia lido e relido o Evangelho e, com pouquíssimas exceções, ninguém tinha visto esta grande verdade relegada a segundo plano. Ora, eis que, pelo ensino dos Espíritos, ela se tornou subitamente conhecida e compreendida por todos. Quantas outras verdades encerra o Evangelho e que surgirão a seu tempo! (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XV).

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho do *Espiritismo cristão*; temos, pois, motivos para desenvolver os seus princípios, bem como os caracteres do verdadeiro espírita sob esse ponto de vista.

Que outros possam fazer melhor que nós; não iremos contra, porque jamais dissemos: “Fora de nós não há verdade.” Nossas instruções, pois, são para os que as acham boas; são aceitas livremente e sem constrangimento; traçamos uma rota e a segue quem quer; damos conselhos aos que no-los pedem, e não aos que julgam deles não precisar; não damos ordens a ninguém, pois não temos qualidades para tanto.

Quanto à supremacia, ela é toda moral e na adesão dos que partilham nossa maneira de ver; não estamos investidos, mesmo por aqueles, de nenhum poder oficial; não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos conferimos nenhum título, e o único que tomaríamos com os partidários de nossas idéias é o de irmão em crença. Se nos consideram como seu chefe,

é devido à posição que nos dão nossos trabalhos, e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é a que qualquer um de nós poderia tomar antes de nós; nosso direito, o que tem todo mundo de trabalhar como entende e de correr o risco do julgamento do público.

De que autoridade incômoda entendem libertar-se os que querem o Espiritismo independente, uma vez que não há poder constituído nem hierarquia vedando a porta a quem quer que seja, e levando-se em conta que não temos sobre eles nenhuma jurisdição e que, se lhes aprouver afastar-se de nossa rota, ninguém poderá constrangê-los a nela entrar? Alguma vez já nos fizemos passar por profeta ou messias? Levariam eles a sério os títulos de sumo-sacerdote, de soberano pontífice, mesmo de papa, com que a crítica se deleitou em nos gratificar? Não só jamais os tomamos, como os espíritas jamais no-los deram. – É do ascendente de nossos escritos? O campo lhes está aberto, como a nós, para cativarem a simpatia do público. Se há pressão, ela não vem de nós, mas da opinião geral que põe o seu veto naquilo que não lhe convém e porque ela própria sofre o ascendente do ensino geral dos Espíritos. É, pois, a estes últimos que, em última análise, se deve atribuir o estado de coisas, e é talvez o que faz que não mais os queiram escutar. – É das instruções que damos? Mas ninguém é forçado a se submeter a elas. – Devem lamentar-se de nossa censura? Jamais citamos alguém, a não ser para elogiar, e nossas instruções são dadas sob forma geral, como desenvolvimento de nossos princípios, para uso de todos. Se, aliás, são más, se nossas teorias são falsas, em que isto os pode ofuscar? O ridículo, se ridículo há, será para nós. Levam tão a sério os interesses do Espiritismo, que temem vê-los periclitarem em nossas mãos? – Somos absolutos demais em nossas idéias? Somos um cabeça dura com quem nada se pode fazer? Ah! meu Deus! cada um tem os seus pequenos defeitos; temos o de não pensar ora branco, ora preto; temos uma linha traçada e dela não nos desviaremos para agradar a quem quer que seja. É provável que sejamos assim até o fim.

É nossa fortuna que invejem? Onde os nossos castelos, as nossas equipagens e os nossos lacaios? Certamente, se tivéssemos a fortuna que nos atribuem, não seria dormindo que ela teria vindo e muitas pessoas amontoam milhões, num labor menos rude. – Que fazemos, então, do dinheiro que ganhamos? Como não pedimos contas a ninguém, a ninguém temos que as dar; o que é certo é que não serve para os nossos prazeres. Quanto a empregar para pagar agentes e espíões, devolvemos a calúnia à sua origem. Temos que nos ocupar com coisas mais importantes do que saber o que faz este ou aquele. Se fazem bem, não devem temer nenhuma investigação; se fazem mal, isso é lá com eles. Se há os que ambicionam a nossa posição, é no interesse do Espiritismo ou no deles? Que a tomem, pois, com *todos os seus encargos*, e provavelmente não acharão que seja uma sinecura tão agradável quanto supõem. Se acham que conduzimos mal o barco, quem os impedia de tomar o leme antes de nós? e quem os impede ainda hoje? – Lamentam-se de nossas intrigas para fazermos partidários? Nós esperamos que venham a nós, pois não vamos procurar ninguém; nem sequer corremos atrás dos que nos deixam, porque sabemos que não podem entravar a marcha das coisas; sua personalidade se apaga diante do conjunto. Por outro lado, não somos bastante presunçoso para crer que seja por nossa pessoa que se ligam a nós; evidentemente é pela idéia de que somos o representante. É, pois, a esta idéia que reportamos os testemunhos de simpatia que hão por bem nos dar.

Em suma, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos uma insensatez, porque a independência existe de fato e de direito e não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todos; o juiz supremo do torneio é o público; a palma é para quem sabe conquistá-la. Tanto pior para os que caem antes de atingir a meta.

Falar dessas opiniões divergentes que, em última análise, se reduzem a algumas individualidades, e em parte alguma

formam corpo, não será, talvez digam algumas pessoas, ligar a isto muita importância, assustar os adeptos fazendo-os crer em cisões mais profundas do que realmente o são? não é, também, fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É precisamente para prevenir esses inconvenientes que disto falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu justo valor, é mais adequada para assegurar do que para amedrontar os adeptos; eles sabem como proceder e aí encontram argumentos para a réplica. Quanto aos adversários, já exploraram o fato muitas vezes, e foi por terem exagerado o seu alcance que é útil mostrar como a coisa funciona. Para mais ampla resposta, remetemos o leitor ao artigo da *Revista* de outubro de 1865.

O Dia de Carlos Magno no Colégio de Chartres

Este ano o Colégio de Chartres teve a idéia de associar uma conferência literária à solenidade do banquete do dia de Carlos Magno. Dois alunos de filosofia sustentaram uma controvérsia cujo assunto era o *Espiritismo*. Eis o relato feito pelo *Journal de Chartres*, de 11 de março de 1866:

Para fechar a sessão, dois alunos de filosofia, os Srs. Ernest Clément e Gustave Jumentié propõem-se examinar, num diálogo vivo e animado, uma questão que hoje tem o privilégio de apaixonar muitas cabeças: queremos falar do *Espiritismo*.

“J. censura ao seu companheiro, sempre tão jovial, um ar sombrio e pensativo, que o faz parecer um autor de melodramas, e lhe pergunta de onde pode provir tão grande mudança.

“C. responde que perdeu a cabeça numa doutrina sublime, o Espiritismo, que veio confirmar de modo irrefutável a

imortalidade da alma e as outras concepções da filosofia espiritualista. Não é uma quimera, como pretende seu interlocutor; é um sistema apoiado em fatos autênticos, tais como as mesas girantes, os médiuns, etc.

“Certamente, responde J., não serei tão insensato, meu pobre amigo, para discutir contigo sobre loucos devaneios, de que todo mundo hoje está completamente desiludido. E quando não se faz mais que rir na cara dos espíritas, não irei, por uma vã disputa, dar às vossas idéias mais peso do que merecem e lhes fazer a honra de uma reputação séria. As admiráveis experiências dos Davenport demonstraram qual era a vossa força e a fé que era preciso ter em vossos milagres. Mas, felizmente, eles receberam a justa punição de sua patifaria; depois de alguns dias de um triunfo usurpado, foram forçados a voltar à sua pátria, e mais uma vez provamos que do Capitólio à rocha Tarpéia não há senão um passo.

“Bem vejo, diz C... por sua vez, que não és partidário do progresso. Deverias, ao contrário, apiedar-te da sorte desses infelizes. Em seu começo todas as ciências tiveram os seus detratores. Não vimos Fulton repellido pela ignorância e tratado como louco? Não vimos também Lebon, desconhecido em sua pátria, morrer miseravelmente sem ter desfrutado de seus trabalhos? E, contudo, hoje a superfície dos mares é sulcada por barcos a vapor e o gás espalha em toda parte a sua viva luz.

“J. Sim, mas essas invenções repousavam em bases sólidas; a Ciência era o guia desses gênios e devia forçar a posteridade mais esclarecida a reparar os erros de seus contemporâneos. Mas quais são as invenções dos espíritas? Qual o segredo de sua ciência? Todos puderam admirar e aplaudir o engenhoso mecanismo de sua varinha...

“C. Ainda gracejas? Entretanto eu te disse: há entre os adeptos do Espiritismo gente muito honrada, pessoas cuja convicção é profunda.

“J. É pura verdade. Mas, o que é que isto prova? Que o bom-senso não é uma coisa tão comum quanto se pensa, e que, como disse o poeta da Razão:

Um tolo sempre acha um mais tolo que o admira.

“C. Boileau não teria falado assim se tivesse visto as mesas girantes. Que dizes a isto?

“J. Que jamais consegui mover a menor mesinha.

“C. É porque és um profano; para mim, jamais uma mesa resistiu. Fiz girar uma que pesava 200 quilos, com pratos, travessas, garrafas...

“J. Tu me farias tremer pela mesa do dia de Carlos Magno se o apetite dos convivas não a tivesse prudentemente desguarnecido...

“C. Não te falo dos chapéus. Mas eu lhes imprimiria uma poderosa rotação ao mais leve contato.

“J. Não me admiro se tua pobre cabeça tenha virado com eles.

“C. Mas, enfim, pilhérias não são razões; são o argumento da impotência. Nada provas, não refutas nada.

J. É que tua doutrina não passa de um nada, de uma quimera, de um gás incolor, impalpável – prefiro o gás de iluminação – uma exalação, um vapor, uma fumaça. – Palavra de honra, minha escolha está feita, prefiro a do Champagne. – Ó Miguel Cervantes! por que nasceste dois séculos mais cedo? É ao teu mortal Dom Quixote que cabe reduzir o Espiritismo a pó. Ele brandiu sua lança valorosa contra os moinhos de vento. E, contudo, eles giravam muito bem! Como teria rachado de alto a baixo os armários falantes e sonantes? E tu, seu fiel escudeiro,

ilustre Sancho Pança, é a tua filosofia profunda, é a tua moral sublime que seria a única capaz de destrinchar essas graves teorias.

“C. Por mais que digais, senhores filósofos, negais o Espiritismo porque não sabeis o que fazer com ele, porque ele vos embaraça.

“J. Oh! ele não me causa nenhum embaraço, e bem sei o que faria se tivesse voz no capítulo. Espíritas, magnetistas, sonâmbulos, armários, mesas falantes, chapéus girantes, com as cabeças que sombreiam, eu os mandaria todos passar uma temporada... no hospício.”

“Algumas pessoas ficarão admiradas, talvez escandalizadas, de ver os alunos do colégio de Chartres abordarem, sem outras armas além da anedota, uma questão que se intitula *a mais séria dos tempos modernos*. Francamente, depois da aventura recentíssima dos irmãos Davenport, pode-se censurar a juventude por se divertir com essa mistificação? É a idade sem piedade.

“Poder-se-ia, sem dúvida, voltando a uma de suas frases de empréstimo, ensinar a esses rapazes astuciosos que as grandes descobertas muitas vezes passam pela rocha Tarpéia antes de chegar ao Capitólio, e que, para o Espiritismo, o dia da reabilitação talvez não esteja longe. Os jornais já nos anunciam que um músico de Bruxelas, que também é espírita, pretende estar em contato com os Espíritos de todos os compositores mortos; que nos vai transmitir suas inspirações, e que em breve teremos obras *verdadeiramente* póstumas dos Beethoven, dos Mozart, dos Weber, dos Mendelssohn...! Pois bem! seja; esses estudantes são de boa composição: quiseram rir, riram; quando for tempo de pedir desculpas, pedirão.”

Ignoramos com que objetivo permitiram fosse tratada essa questão numa solenidade de colégio; duvidamos, no entanto, que seja por simpatia pelo Espiritismo, e com vistas a propagá-lo

entre os alunos. Alguém dizia a respeito que isto parecia com certas conferências em uso em Roma, nas quais há o advogado de Deus e o advogado do diabo. Seja como for, é preciso convir que os dois campeões não eram muito fortes; sem dúvida teriam sido mais eloqüentes se conhecessem melhor o assunto que, como se vê, quase não o estudaram, a não ser em artigos de jornais a propósito dos irmãos Davenport. O fato não deixa de ter sua importância; porém, se o objetivo foi desviar a juventude do estudo do Espiritismo, duvidamos muito que tenha sido atingido, porque os jovens são curiosos. Até agora o nome do Espiritismo não tinha transposto senão clandestinamente a porta dos colégios, e aí só era pronunciado aos cochichos. Ei-lo agora oficialmente instalado nos bancos, onde fará o seu caminho. Já que a discussão é permitida, terão que estudar; é tudo o que pedimos. A esse propósito as reflexões do jornal são extremamente judiciosas.

Uma Visão de Paulo I⁹

O czar Paulo I, que então era apenas o grão-duque Paulo, encontrando-se numa reunião com alguns amigos, em Bruxelas, onde falavam de fenômenos considerados sobrenaturais, narrou o seguinte fato¹⁰:

“Uma tarde, ou antes, uma noite, eu estava nas ruas de São Petersburgo, com Kourakin e dois criados. Ficamos muito tempo a conversar e a fumar e nos veio a idéia de sair do palácio, incógnitos, para ver a cidade ao luar. Não fazia frio e os dias se alongavam; era um desses momentos mais suaves de nossa primavera, tão pálida em comparação com as do Sul. Estávamos alegres; não pensávamos em nada de religioso, nem mesmo sério, e Kourakin me dizia mil anedotas sobre os raros transeuntes que

9 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 527.

10 Extraído do *Grand Journal*, de 3 de março de 1866 e tirado de uma obra do Sr. Hortensius de Saint Albin, intitulada: *O Culto de Satã*.

encontrávamos. Eu andava à frente, embora um dos nossos me precedesse; Kourakin ficava alguns passos atrás e o outro doméstico nos seguia um pouco mais longe. A lua estava clara, a ponto de se poder ler uma carta, e as sombras, por oposição, eram longas e espessas.

“Ao virar uma rua percebi, no vão de uma porta, um homem alto e magro, envolto num manto, como um espanhol, com um chapéu militar desabado sobre os olhos. Parecia esperar, e desde que passamos à sua frente, saiu de seu refúgio e se postou à minha esquerda, sem dar uma palavra, sem fazer um gesto. Era impossível distinguir seus traços; apenas os seus passos, esbarrando nas lajes, produziam um som estranho, semelhante ao de uma pedra que bate em outra. A princípio fiquei admirado com esse encontro; depois, pareceu-me que todo o lado que ele quase tocava se esfriava pouco a pouco. Senti um calafrio glacial penetrar meus membros e, voltando-me para Kourakin, disse-lhe:

“Eis um singular companheiro que temos! – Que companheiro? perguntou ele. – Mas este que marcha à minha esquerda e que faz muito barulho, creio.

“Kourakin abriu os olhos espantados e garantiu-me que à minha esquerda não via ninguém. – Como! não vês à minha esquerda um homem com manto, entre mim e a parede? – Vossa Alteza toca a própria parede e não há lugar para ninguém entre vós e a parede.

“Estirei um pouco o braço e, com efeito, senti a pedra. Contudo, o homem lá estava, sempre marchando com o mesmo passo de martelo, regulado pelo meu. Então o examinei atentamente e vi brilhar sob o chapéu, de forma singular, como disse, o olho mais cintilante que jamais encontrei. Este olho me olhava, me fascinava; eu não podia fugir de seu raio. Ah! disse eu a Kourakin, não sei o que sinto, mas é estranho!

“Eu tremia, não de medo, mas de frio. Pouco a pouco sentia o coração tomado por uma impressão que nada pode traduzir. Meu sangue congelava nas veias. De repente uma voz cavernosa e melancólica saiu desse manto que ocultava a sua boca e me chamou pelo nome: ‘Paulo!’ Respondi maquinalmente, impelido não sei por que força: ‘Que queres?’ – ‘Paulo!’ repetiu ele. E desta vez o acento era mais afetuoso e mais triste ainda. Nada repliquei, esperei, ele me chamou de novo e em seguida parou simplesmente. Fui constrangido a fazer o mesmo. ‘Paulo! pobre Paulo! pobre príncipe!’

Virei-me para Kourakin, que também havia parado. ‘Ouves?’ perguntei-lhe – ‘Nada absolutamente, senhor; e vós?’ Quanto a mim eu escutava; o lamento ainda ressoava aos meus ouvidos. Fiz um esforço imenso e perguntei a esse ser misterioso quem era e o que queria. ‘Pobre Paulo! quem sou eu? Sou aquele que se interessa por ti. O que quero? quero que não te ligués muito a este mundo, pois aí não ficarás muito tempo. Vive como justo, se desejares morrer em paz; e não desprezes o remorso: é o suplício mais pungente das grandes almas.’

“Retomou seu caminho, olhando-me sempre com aquele olho que parecia destacar-se da cabeça e, assim como eu tinha sido forçado a parar como ele, fui forçado a andar como ele. Não me falou mais, nem senti vontade de lhe dirigir a palavra. Eu o seguia, pois era ele quem dirigia a marcha, e essa corrida durou ainda mais de uma hora, em silêncio, sem que eu pudesse dizer por onde havia passado. Kourakin e os lacaios não chegavam. Olhai-o sorrindo: ele ainda pensa que sonhei tudo isto.

“Finalmente, nós nos aproximamos da Grande Praça, entre a ponte do Neva e o Palácio dos Senadores. O homem foi direto para um ponto dessa praça, seguido por mim, bem entendido, onde se deteve. ‘Paulo, adeus. Não me verás aqui, nem em outros lugares.’ Depois, como se lhe tivesse tocado, seu chapéu

ergueu-se de leve, sozinho; então eu distingui facilmente o seu rosto. Recuei, mau grado meu: era o olho de águia, era a fronte trigueira, o sorriso severo de meu avô Pedro, o Grande. Antes que me recobrasse da surpresa, de meu terror, ele havia desaparecido.

“É nesta mesma praça que a imperatriz manda erigir o monumento célebre, que logo causará admiração em toda a Europa, e que representa o czar Pedro a cavalo. Um imenso bloco de granito é a base desta estátua. Não fui eu quem designou à minha mãe aquele lugar, escolhido, ou melhor, adivinhado previamente pelo fantasma. E confesso que aí encontrando essa estátua, não sei que sentimento apoderou-se de mim. *Tenho medo de ter medo*, apesar de o príncipe Kourakin querer persuadir-me de que eu sonhei acordado, passeando pelas ruas. Lembro-me dos mínimos detalhes desta visão, pois foi uma visão, insisto em sustentar. Parece-me que ainda estou lá. Retornei ao palácio, alquebrado como se tivesse feito uma longa caminhada e literalmente gelado do lado esquerdo. Precisei de várias horas para me aquecer num leito muito quente e debaixo de cobertores.”

Mais tarde o grão-duque Paulo lamentou ter falado desta aventura e se esforçou por fazê-la passar como pilhéria, mas as preocupações que ela lhe causou fizeram pensar que ela continha algo de sério.

Depois de lido este fato na Sociedade de Paris, mas sem intenção de fazer qualquer pergunta a respeito, um dos médiuns, espontaneamente e sem evocação, obteve a comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de março de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

Na nova fase em que entrastes, com a chave dada pelo Espiritismo, ou revelação dos Espíritos, tudo deve explicar-se, pelo menos o que estais aptos a compreender.

A existência da mediunidade vidente foi a primeira de todas as faculdades conferidas ao homem para se corresponder com o mundo invisível, causa de tantos fatos até hoje deixados sem explicação racional. Com efeito, retornai às diferentes idades da Humanidade, e observai com atenção todas as tradições que chegaram até vós, e por toda parte, nas que vos precederam, encontrareis seres que, através da visão, foram postos em relação com o mundo dos Espíritos.

Em todos os tempos, em todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre as revelações de visionários ou médiuns videntes.

Muito pequenos por si mesmos, os homens sempre foram assistidos por aqueles invisíveis que os tinham precedido na erraticidade e que, obedientes à lei de reciprocidade universal, lhes vinham trazer, por comunicações muitas vezes inconscientes, os conhecimentos por eles adquiridos, e lhes traçar a conduta a seguir para descobrir a verdade.

Como disse, a primeira das faculdades mediúnicas foi a visão. Quantos adversários não encontrou ela entre os interessados de todos os tempos! Mas não se deveria inferir de minha linguagem que todas as visões sejam resultado de comunicações reais; muitas se devem à alucinação de cérebros enfraquecidos ou resultam de um complô urdido para servir a um cálculo ou satisfazer ao orgulho.

Crede-me, o médium vidente é, de todos, o mais impressionável; o que se viu grava-se melhor no espírito. Quando o vosso grão-duque¹¹, fanfarrão e vão como a maior parte dos de sua raça, viu aparecer-lhe o seu avô, pois era mesmo uma visão, que tinha sua razão de ser na missão que Pedro, o Grande, tinha aceitado em favor de seu neto, e que consistia em o conduzir e

11 Vários russos assistiam à sessão na qual esta comunicação foi dada. Sem dúvida foi o que motivou a expressão: *Vosso grão-duque*.

inspirar, desde esse instante a mediunidade foi permanente no duque e só o medo do ridículo o impediu de contar todas as visões ao seu amigo.

A mediunidade vidente não era a única que ele possuía; também tinha a intuição e a audição. Mas, muito imbuído dos princípios de sua primeira educação, recusou-se a tirar proveito das sábias advertências que lhe davam seus guias. Foi pela audição que teve a revelação de seu fim trágico. Desde essa época, seu Espírito progrediu muito. Hoje não temeria mais o ridículo de crer na visão e, por isto, vem dizer:

“Graças aos meus caros instrutores espirituais e à observação dos fatos, creio na manifestação dos Espíritos, na sobrevivência da alma, na eterna onipotência de Deus, na progressão constante para o bem dos homens e dos povos e me tenho por muito honrado que uma de minhas puerilidades tenham provocado uma dissertação onde tenho tudo a ganhar e vós nada a perder.”

Paulo

O Despertar do Sr. de Cosnac

Nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Leymarie, tendo ido fazer uma viagem a Corrèze, aí se entretinha freqüentemente sobre o Espiritismo, recebendo várias comunicações mediúnicas, entre as quais a que damos abaixo, e que, certamente, não podia estar em seu pensamento, pois ignorava se um dia qualquer tinha havido no mundo um indivíduo chamado Cosnac. Essa comunicação é notável porque pinta a posição singular de um Espírito que, desde dois séculos e meio não se julgava vivo, embora se achasse sob a impressão das idéias e da visão das coisas de seu tempo, sem se aperceber quanto tudo tinha mudado desde então.

(Tulle, 7 de março de 1866)

Há dois séculos e meio que, inconsciente de minha posição, vejo sem cessar o castelo-forte de meus antepassados, os fossos profundos, o senhor de Cosnac sempre ligado ao seu rei, ao seu nome, às suas lembranças de grandeza; há pajens e valetes por toda parte; homens de armas partindo para uma expedição secreta. Sigo todos esses movimentos, todo esse ruído; ouço os gemidos dos prisioneiros e dos colonos, dos servos temerosos, que passam humildemente em frente à casa do senhor; e tudo isto não passa de um sonho!...

Hoje meus olhos se abriram para ver tudo ao contrário o meu sonho secular! Vejo uma grande habitação burguesa, mas sem linhas de defesa; tudo está calmo. As grandes árvores desapareceram; dir-se-ia que uma mão de fada transformou a residência feudal e a paisagem agreste que a cerca. Por que essa mudança?... Então o nome que trago desapareceu e com ele o bom velho tempo?... Ai! é preciso perder os meus sonhos, os meus desejos, as minhas ficções, porque um novo mundo acaba de me ser revelado! Outrora bispo, orgulhoso de meus títulos, de minhas alianças, conselheiro de um rei, não admitia senão nossas personalidades, senão um Deus criando raças privilegiadas, a quem o mundo pertencia de direito, senão um nome que devia perpetuar-se e, como base desse sistema, a compressão e o sofrimento para o servo e para o artesão.

Algumas palavras puderam despertar-me!... Uma atração involuntária (outrora eu teria dito diabólica) atraiu-me para aquele que escreve. Ele discutiu com um padre que emprega, para defender a Igreja, todos os argumentos que outrora eu repetia, enquanto ele se serve de palavras novas, que explica simplesmente e – devo confessar? é seu raciocínio que permite que meus olhos vejam e meus ouvidos escutem.

Para ele eu percebo as coisas tais quais são e, o que é mais estranho, depois de ter seguido em mais de um lugar onde ele defende o Espiritismo, eu volto ao sentimento de minha existência como Espírito; aprecio melhor, defino melhor as grandes leis do verdadeiro e do justo; rebaixo o meu orgulho, causa da catarata que me turvou a razão, meu juízo, durante dois séculos e meio e, contudo, vide a força do hábito, do orgulho de raça!... apesar da mudança radical operada nos bens de meus avós, nos costumes, nas leis e no governo; malgrado as conversas do médium que transmite meu pensamento, a despeito de minha visita aos grupos espíritas de Paris, e mesmo aos dos Espíritos que se preparam para a emigração para mundos adiantados, ou para reencarnações terrenas, foram-me necessários oito dias de reflexão para me render à evidência.

Nesse longo combate entre um passado desaparecido e o presente que nos empurra para as grandes esperanças, minhas resistências caíram, uma a uma, como as velhas armaduras quebradas de nossos antigos cavaleiros. Venho fazer ato de fé ante a evidência, e eu, *de Cosnac*, antigo bispo, afirmo que vivo, sinto, julgo. Esperando minha reencarnação, preparo minhas armas espirituais; sinto Deus em toda parte e em tudo; não sou um demônio, recuso meu orgulho de casta e em meu envoltório fluídico rendo homenagem ao Deus criador, ao Deus de harmonia que chama a si todos os seus filhos, a fim de que, depois de vidas mais ou menos acidentadas, cheguem purificados nas esferas etéreas onde esse Deus tão magnânimo os fará gozar da suprema sabedoria.

De Cosnac

Nota – O penúltimo arcebispo de Sens chamava-se Joseph-Marie-Victoire *de Cosnac*; tinha nascido em 1764, no castelo *de Cosnac*, no Limousin e aí morreu em 1843. O *Boletim da Sociedade Arqueológica de Sens*, tomo 7, página 301, diz que ele era o décimo

primeiro prelado que sua família tinha dado à Igreja. Assim, nada há de impossível que um bispo desse nome tenha existido no começo do século dezessete.

Pensamentos Espíritas

POESIA DO SR. EUGÈNE NUS

As estrofes seguintes são tiradas da obra *Os Dogmas Novos*, do Sr. Eugène Nus. Embora não seja uma obra mediúnica, certamente nos irão agradecer a sua reprodução por causa dos pensamentos aí expressos de modo tão gracioso. Sob o título de *Os Grandes Mistérios*, o mesmo autor publicou ultimamente uma outra obra notável, a que nos reportaremos e na qual se acham todos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, como solução racional.

Ó amados mortos, que esta terra
 Vos vê, conosco misturados,
 Mostrai-nos que mistério encerra:
 Aonde viveis, mortos amados?

Globos que brilhais a povoar o espaço,
 Irmãs desta terra, estrelas dos céus,
 Qual de vós me dá no além um regaço,
 Destino de sombra ou de glória véus?
 E qual de vós tem recebido as almas
 Daqueles que amava e os tenho perdido?
 De vós branco raio e de luzes calmas,
 Sobre o meu ser a sonhar tem descido?

Ligados, então, à sorte da terra
 Quer pelo destino ou seu bem-estar,
 São eles levados ao que ela encerra
De justo no instante de retornar?
Ou mais perto ainda, Almas invisíveis,
Que estando entre nós buscais nos servir,
 Concórdia pregando aos seres sensíveis,
 Chorando por quem é surdo em ouvir?

Mistério profundo o da alma infinita!
Já faz quanto tempo eu te busco em vão.
De pálida fronte a vida me agita
Sem poder achar de Deus a razão.

Ó mortos queridos, onde estejais!
Vinde vós a mim perto ou longe até;
Vossa oculta voz já cedi demais;
E vosso calor aqueceu-me a fé.

Ó amados mortos, que esta terra
Vos vê, conosco misturados,
Mostrai-nos que mistério encerra:
Aonde viveis, mortos amados?

Carta do Sr. F. Blanchard ao Jornal *Liberté*

Pedem-nos a inserção da carta seguinte, dirigida ao Sr. redator-chefe do jornal *Liberté*.

“Senhor,

“Sem dúvida é preciso preencher as colunas de um jornal, mas quando esse *adorno* está cheio de insultos dirigidos aos que não pensam como os vossos redatores, pelo menos o que escreveu essa mediocridade a respeito dos irmãos Davenport, número de segunda-feira, é permitido achar mau dar o seu dinheiro aos que não temem vos tratar de tolo, ignorante, etc. Ora, eu sou espírita e dou graças a Deus. Assim, quando vencer minha assinatura de vosso jornal, ficai certo de que não será renovada.

“Vossa folha traz um título sublime; não mintais, pois, a esse título e sabeí que essa palavra implica o respeito às opiniões de cada um. Não esqueçais, sobretudo, que *Liberdade* e *Espiritismo* é absolutamente a mesma coisa. Essa sinonímia vos espanta? Lede, estudai essa doutrina que vos parece tão negra; então podereis

prestar um serviço à *Verdade* e à *Liberdade*, que empunhais tão alto, mas que ofendeis.”

Florentin Blanchard, livreiro, em Marennes

“P. S. – Se minha assinatura não vos parecer muito legível, a chancela que fecha esta carta vos elucidará.”

Notas Bibliográficas

SOU ESPÍRITA? – por Sylvain Alquié, de Toulouse; brochura in-12, preço: 50 c. Toulouse, livraria Caillol et Baylac, 34, rue de la Pomme

O autor, novo adepto, só conhecia o Espiritismo pelas diatribes dos jornais a propósito dos irmãos Davenport, quando o primeiro artigo publicado pelo jornal *Discussão* (Vide a *Revista Espírita* de fevereiro de 1866), lhe tendo caído sob os olhos, no café, fê-lo ver sob outra luz e o levou a estudar. São essas impressões que ele descreve em sua brochura; passa em revista os raciocínios que o levaram à crença, a cada um dos quais pergunta: *Sou espírita?* Sua conclusão é resumida no último capítulo por estas simples palavras: *Eu sou espírita*. Escrita com elegância, clareza e convicção, esta brochura é uma profissão de fé sabiamente raciocinada; merece as simpatias de todos os adeptos sinceros, aos quais consideramos um dever recomendá-la, lamentando que a falta de espaço nos impeça de justificar a nossa apreciação por meio de algumas citações.

CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTIESPÍRITAS

Por A. Grelez, oficial de administração aposentado. Brochura in-8º ;
preço: 50 c. – Paris, Bordeaux, nas principais livrarias

Esta carta, ou melhor, estas cartas, datadas de Sétif (Argélia), foram publicadas pela *União Espírita Bordelense*, em seus números 34, 35 e 36. É uma exposição clara e sucinta dos princípios da doutrina, em resposta às diatribes de certos

jornalistas, cujas falsas e injustas apreciações o autor refuta em termos educados. Ele não se gaba de os converter, mas essas refutações, multiplicadas nas brochuras baratas, têm a vantagem de esclarecer as massas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo e mostrar que ele encontra defensores sérios em toda parte, que não precisam senão do raciocínio para combater os seus adversários. Devemos, pois, agradecimentos ao Sr. Grelez e felicitações à *União Espírita Bordelense* por haver tomado a iniciativa desta publicação.

FILOSOFIA ESPÍRITA extraída do divino

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec;

Por Augustin Babin, de Cognac. 1 vol. In-12 de 200 páginas; preço: 1 fr.

O GUIA DA FELICIDADE, ou *Deveres gerais do homem por amor a Deus*;

Pelo mesmo. Brochura in-12 de 100 páginas; preço: 60 c.

NOÇÕES DE ASTRONOMIA científica, psicológica e moral,
pelo mesmo.

Brochura in-12 de 100 páginas; preço: 75 c. – Angoulême,

Livraria Nadaud et Cie., 26, muralha Desaix.

Faremos notar que o epíteto de *divino* é dado a *O Livro dos Espíritos* pelo autor, e não por nós. Caracteriza a maneira pela qual ele encara a questão. O Sr. Babin é um espírita de velha data, que leva a doutrina a sério, do ponto de vista moral. Essas três obras são fruto de uma convicção profunda, inalterável e ao abrigo de toda flutuação. Não é um entusiasta, mas um homem que hauriu no Espiritismo tantas forças, consolações e felicidade, que considera como um dever ajudar a propagar uma crença que lhe é cara. Seu zelo é ainda mais meritório, porque totalmente desinteressado. Declara pôr os seus livros no domínio público, com a condição de neles nada ser mudado nem ter o preço aumentado. Houve por bem colocar à nossa disposição uma centena de exemplares, para distribuição gratuita, pelo que lhe rogamos aceitar os nossos mui sinceros agradecimentos.

Allan Kardec